

Sebastião Opus Night

JOSÉ CARDOSO PIRES

SEBASTIÃO Opus Night, irmão dum juiz Opus Dei e frequentador de bares nocturnos, vivia a duas memórias, uma para a noite, outra para o dia.

Que fazia este indivíduo?, perguntava a curiosidade de alguns bebedores, e a resposta pouco adiantava: «**Faz sombra**», respondiam os barmen. E acrescentavam: «**Quando lhe bate o sol, bem entendido**». Outros afirmavam que nem isso, já que Sebastião era tão só-ele, tão bastante da sua pessoa, que quando descobria que dava sombra a alguém deitava-se. Daí que nunca descesse à cidade antes do pôr-do-sol, fresco e perfumado como um cravo noctívago e pronto a liberar-se das memórias do dia, que eram as que lhe traziam a ressaca do sono e os amargos do whisky.

Durante o seu breve romance com Maria da Paz Soares, Sebastião Opus Night antecipou por algumas horas o seu meridiano do poente para ir arejar os cachorros da amada, quatro ao todo e todos bassés com patas de pé de cómoda. Eram tão compridos, tão rasantes e tão iguais que, ao despertar, duvidava de si próprio e pensava que os estava a ver em quadriculado, mas à medida que a noite se aproximava distinguia-os um por um e dava-lhes o nome que lhes competia.

No seu passeio com os cães, Opus Night evitava a luz do entardecer. Atravessava o Jardim da Estrela pelo lado mais sombrio do arvoredo e enfiava pela barbearia do bairro, Salão Contreiras, com os nomes deles todos baralhados na cabeça. Barba e limpeza de unhas, o costume; e o primeiro whisky para acalentar. E com isto, a tarde ia anoitecendo e ele, ao espelho rodeado de cães espalmados no chão, ia-os começando a reconhecer pelo nome. Antes disso como que os confundia com pessoas, Borges, num caso, Chico, Rodolfo ou Guarda Nocturno, noutros casos, e só por prudência é que não os tratava como tal.

«**Os cães são o melhor amigo do homem**», disse uma vez a manicura Marina enquanto lhe arranjava as unhas. «**E estes então são educadíssimos, não incomodam absolutamente nada. Verdade, meus lindos?**».

Opus Night continuou com os olhos no espelho. Parecia um patriarca, de copo de whisky na mão, sentado num lago de cães. Marina, a manicura, passava-lhe a outra mão por águas e vernizes e contava agora a história duma donzela desprevenida arrancada às garras dum violador sem escrúpulos por um lobo de Alsácia dedicado. «**Encontraram-na sem uma beliscadura**», contou ela. «**O bandido pelos vistos não deve ter conseguido os seus intentos mas o animal, coitadinho, apareceu morto no vão da escada**».

«**Suicidou-se?**», perguntou Opus Night, desinteressado. Vendo bem, a manicura, com a sua cabecinha de caracóis às virgulas e os olhinhos em botão, também

tinha qualquer coisa de caniche. «**Aquilo foi o canalha do bandido para se conseguir ver livre do animal**», disse ela. «**São terríveis, os lobos de Alsácia**».

Barbeado e envernizado, Opus Night foi depor os cachorros a casa de Pázinha Soares e enfiou um cravo branco na lapela. Isso queria dizer que ia de largada para os bares, com rota livre e vento de feição. Chegava e ocupava o seu posto: de pé e com as mãos sobre o balcão como quem enfrenta a noite a percorrer o horizonte das garrafas.

achava que o sonho das mariposas na vertical se devia a Pázinha Soares que nas práticas do amor era muito dada a voos de revés e a configurações inesperadas. Pázinha Soares, amapola duma porra, que quem te vai baralhar essas asas hei-de ser eu, disse-lhe ele em pensamento por alturas do quinto Whisky dessa noite.

Tanto quanto lhe ensinava a experiência, ao bom amante compete dar toda a asa à amada mesmo que ela se lance em voos de travessura, guiada por instintos malignos. Como era o caso; exacto, como era o caso.

Pázinha Soares, enorme de corpo e com alma de pomba, tinha mil diabos a ferver-lhe no sangue, a questão era sabê-la assoprar.

Sabê-la assoprar... Quando a lua passava para lá do quinto whisky Opus Night começava a ilustrar-se todo com anexins e com metáforas transmontanas porque, em seu entender, o dicionário da cidade era curto de mais para ele e a voz dos bem falantes andava desagradecida do seu natural. Capisce? Em certos desabaços, Opus Night improvisava até em mirandês e quem não estivesse pelos conformes que fosse dar ouvidos para outro lado.

«**Há duas coisas que o corpo arrenga**», disse ele para o barman. «**Trabalhar por vício e beber por fastio. Hoje sinto a modos que um desassossego que não me vai bem com a bebida**».

O barman olhou o relógio: era verdade, Sebastião Opus Night nessa noite não estava a condizer com os whiskies do costume.

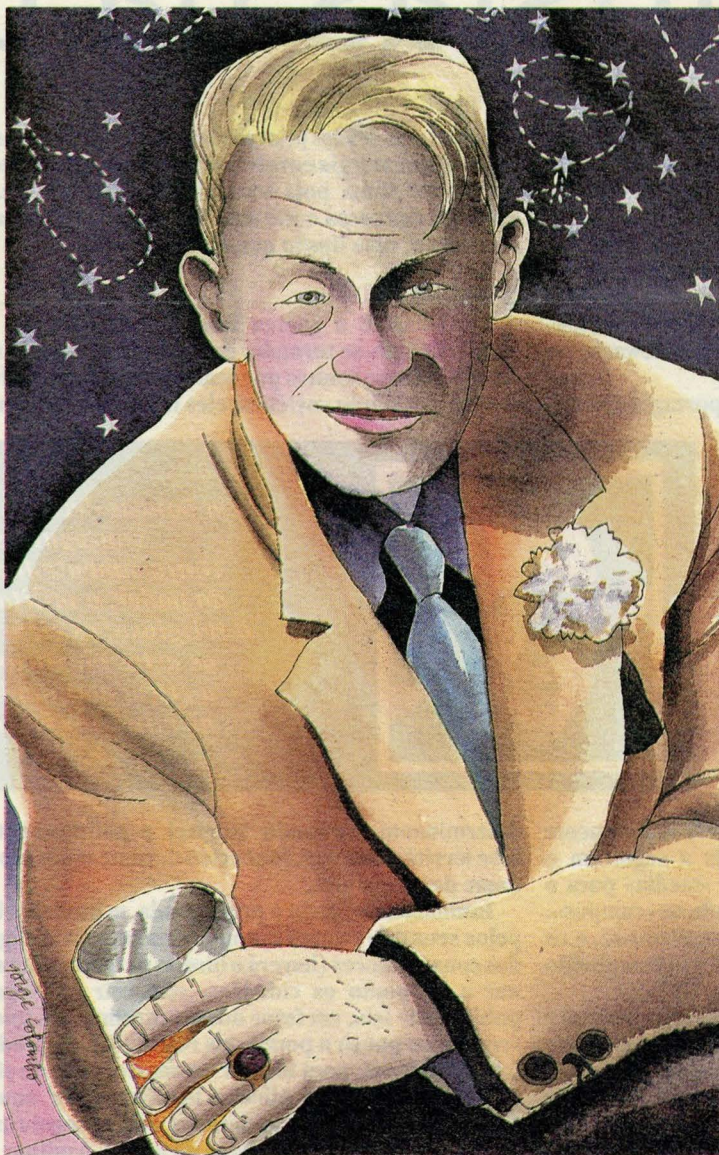
«**Seja como for, vale mais um espírito na mão que um peso no coração**», tornou ele, mas percebeu que o barmen não tinha apanhado o mote. Dissera espírito em sinal de álcool, bebida; mas era a tal coisa, o dicionário corrente não dava para tudo.

Para exemplificar mandou vir mais um whisky. *capo*

Como sempre, com o correr dos *whiskies* vinha-lhe uma sagacidade melindrosa, cheia de malignidades. Via dois tipos à mesa do canto, um deles a acompanhar com acenos muito atentos o que o outro ia dizendo. Do bode que faz que sim e do parvo que diz amen, que me livre Deus a mim e ao diabo também, pensou. Ou muito se enganava ou aqueles dois estavam ali todos feitos a posar para a dignidade enquanto não lhes aparecesse algum credor que os pusesse logo a nu e a bailar ao pé coxinho. Acontece. Há mesas de bar que têm três pernas, a gente é que não dá por isso.

Adiante.

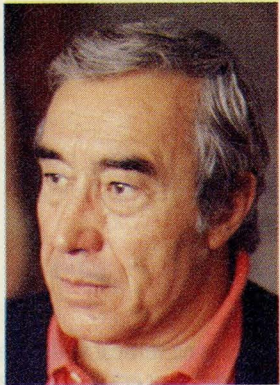
Adiante não, porque ali bem perto, noutra mesa, um cliente solitário agarrava-se ao telefone numa conversa triunfal. Via-se pelo silabar precioso e pelo olhar remoto que estava em trabalho de enredo. A masturbação da meia-noite, calculou Opus Night. Nada mais estúpido que uma burguesa na cama a deixar-se masturbar pelo telefone. E isto considerando que o whisky nessa noite não estava para grandes diálogos ou para grandes enleios, tanto faz, e que não era meia-noite sequer. ➤



José Cardoso Pires nasceu em S. João do Peso, Castelo Branco, no ano de 1925. Estreia-se em 1949, em edição de autor, com **Os Caminheiros e Outros Contos**. Em 1952 publica **Histórias de Amor**, em 1958 **O Anjo Ancorado**, em 1960 a peça de teatro **O Render dos Heróis** e **A Cartilha do Marialva**. Dedicou-se também à edição, à tradução e ao jornalismo: é assim que em 1959 o encontramos na fundação da revista «Almanaque», que dirigirá. Em 1963 publica **O Hóspede de Job**, contemplado com o Prémio Camilo Castelo Branco, mas a obra que lhe assegura a consagração nacional e internacional é **O Delfim**, em 1968. Nesse mesmo ano dirige o suplemento literário e «A Mosca» do **Diário de Lisboa**, de que viria a ser director-adjunto em 1974. Em 1972 publica a sátira política **O Dinossauro Excelentíssimo** e em 1979 reincide no teatro, com **Corpo-Delito na Sala de Espelhos**. Com o romance **A Balada da Praia dos Cães**, de 1982, inaugurou os Grandes Prémios da Associação Portuguesa de Escritores. **Alexandra Alpha**, de 1988, foi distinguido com o Prémio Especial da Associação de Críticos de S. Paulo. As suas obras têm merecido destacada atenção internacional, encontrando-se editado em Espanha, França, Alemanha, Inglaterra, Estados Unidos, Itália, Finlândia, Hungria, União Soviética, Checoslováquia, Polónia, Bulgária, Roménia, Grécia, ➤

H I S T Ó R I A S

➤ Holanda, Brasil e Cuba. A ilustração deste conto é um original de Jorge Colombo.



➤ Mas havia disso, havia disso. Divorciadas em lençóis rendados a esfregarem-se ao bocal do telefone ou então a responderem que sim e mais que também e a pensarem noutra voz e noutros destinos. Havia disso. E nesse momento Sebastião Opus Night lembrou-se de Pázinha Soares, das suas coxas majestosas e dos quatro cachorros a fazerem-lhe guarda aos pés da cama. Iria abrigar-se nela ao nascer do sol, mais coisa, menos coisa, que é quando o corujão regressa ao ninho e não se diga que o corujão não é um animal de sabedoria e de muito traquejar. Mais um copo?

Desistiu. Estava em noite não, era evidente. Ia mudar de maré para outro bar, à espera de corrente propícia, porque ali nem os ventos prometiam nem dava para ancorar. Mar de palha, casa às moscas. E posto isto até amanhã se Deus quiser e se não quisesse pior para Ele.

Saiu, mas ao achar-se na rua sentiu-se desasado. Frio. Tinha frio e era Agosto, imagine-se. No Largo do Camões

olhou a estátua do poeta: estava coberta de pombas adormecidas.

«Se eu amanhã não fizesse folga tinha os gajos por minha conta», disse um polícia para outro ao passarem por ele. Iam os dois a passo largo como se levassem destino. E ele sem rumo, ele sem vontade de meter lastro a um balcão acolhedor, caso único. Para onde olhava só via pessoas apressadas, gente a caminho das casas de fado, das discotecas do Bairro Alto ou da madre que os pariu, na sua opinião andava tudo à procura do barulho das luzes, era o que era.

Deteve-se diante dum cartaz de parede: Circo Walther, A MULHER-SEREIA, O Fenómeno do Século. «Do Sexo», corrigiu ele, o exemplar à vista era uma valquíria anfíbia capaz de fazer cantar todos os peixinhos do Tejo. Ancas poderosas, uma boca ávida e luminosa como a da Pázinha Soares — exacto, como a Pázinha Soares, os mesmos seios redondos, a mesma exuberância, o mesmo olhar nocturno ou coisa assim. Dali até à Pázinha era

uma bandeirada de táxi, duas voltas na chave da porta e vamos mas é ao assunto antes que se faça tarde. Foi. Uma vez sem exemplo, o corujão, salvo seja, ia regressar ao ninho à hora dos respeitáveis. Encontraria, já se vê, tudo no primeiro sono. Ou nem isso porque ainda haveria janelas iluminadas lá na rua e talvez uns restos de serões de televisão. Mas foi.

Quando abriu a porta do quarto encontrou Pázinha Soares na cama, ao lado dum índio qualquer, ambos mudos e desesperados como se acabassem de ver entrar um fantasma. Estendidos no chão, os quatro cachorros deitavam-lhe um olhar sonolento de ternura.

Sebastião Opus Night, «noblesse oblige», fez peito. Pronunciou um insulto em mirandês e saiu porta fora. «Já cá os tens», disse em voz alta ao chegar à rua, apalmando a testa.

Esta foi a noite em que ele acrescentou à sua lista de provérbios a sentença de que a pior desgraça dum bebedor é deixar o copo a meio.

1 polvos